

19º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

TEXTO: MATEUS 21.33-46

Salmo 80 – Este é um salmo de lamento da congregação. Desde o início do salmo é possível perceber que há algo de errado na congregação de Deus. Por isso o salmista clama diversas vezes dizendo “Dá ouvidos, ó pastor de Israel” (v.1), “Restaura-nos, ó Deus” (v.3), “Ó Deus dos Exércitos, volta-te, nós te rogamos” (v.14).

A pergunta que fica é, portanto, o que há de errado na congregação? Sabemos que problemas políticos circundavam o povo de Deus. Os povos ao redor de Israel disputavam as suas terras e zombavam dele (v.6). Muito provavelmente o salmo faz referência à ameaça dos assírios, que desejavam conquistar o Reino do Norte de Israel (cf. 2Rs 17.1-6). Por isso o salmo menciona Efraim, Benjamim e Manassés, todas elas tribos do Norte.

O fato de fazermos referência ao Reino do Norte (Israel) e ao Reino do Sul (Judá) também denota um problema vivido pelo povo de Deus, a saber, a divisão em consequência da rebeldia do povo. Deus havia plantado o seu povo na terra prometida (v.8). Deus concedera todo o necessário para o crescimento deste povo, o qual, por um tempo, fora frutífero (vv.9-11). Mas agora Deus havia deixado o seu povo desprotegido (v.12-13). Esta é a razão do lamento da congregação.

O que fazer neste momento? Se notarmos bem, o salmo 80 é um salmo de Asafe, o qual trabalhava no templo de Jerusalém, isto é, no Reino do Sul. O problema político, porém, estava no Reino do Norte. Ao ignorar as limitações geográficas, o salmista lembra que, antes de haver divisão no povo de Deus, houve a ação divina de trazer este povo para o lugar onde ele estava. Deus continua sendo Deus sobre o seu povo, mesmo quando este se torna rebelde (cf. Deus dos Exércitos nos vv.4 e 14). Da mesma forma, o povo de Deus ora um pelo outro mesmo em meio às divisões que podem vir de sua própria rebeldia.

Mas o fato de o clamor ser trazido ao templo não tem a ver com geografia, e sim com a Palavra de Deus. Por ocasião da consagração do templo, Deus fizera uma promessa ao seu povo, a saber, “se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar, me buscar e se converter dos seus maus caminhos, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a

sua terra. Os meus olhos estarão abertos e os meus ouvidos estarão atentos à oração que se fizer neste lugar.” (2 Crônicas 7.14-15)

Dessa forma, o clamor do povo não vem de uma convicção arrogante como se Deus fosse obrigado a ouvir o seu povo. Da mesma forma, não vem de uma convicção cega como a de quem anda no escuro. O povo lamenta porque conhece o seu pecado. O povo clama pela misericórdia divina porque conhece a promessa de Deus.

Isaías 5.1-7 – Inegavelmente, este é um triste hino sobre o que uma vinha poderia ter sido. Note o tom dramático que o profeta dá ao texto à medida em que descreve todo o preparativo e a expectativa decorrente de toda a preparação. O monte era fértil, o terreno preparado, as mudas, as melhores possíveis. Não se esperava que a vinha cuidasse de si mesmo, mas o dono da vinha construiu uma torre (v.2) e a cercou (v.5). Logo, “Ele esperava que desse uvas boas, mas deu uvas bravas.” (v.2)

A expectativa criada pelo texto levanta a pergunta: “Como pode isso?” Como é possível que esta vinha tenha dado uvas bravas? Como explicar que o resultado de todo este trabalho tenha sido inútil? Se o hino fosse somente sobre uma vinha, o problema não seria tão grande. Mas o hino não é sobre vinhas e uvas, e sim sobre o povo de Deus.

Deus olha do céu e procura encontrar justiça, bondade, verdade, beleza, amor. O que ele encontra, porém, é o mesmo que ele encontra neste hino. “Do céu o Senhor olha para os filhos dos homens, para ver se há quem tenha entendimento, se há quem busque a Deus. Todos se desviaram e juntamente se corromperam; não há quem faça o bem, não há nem um sequer.” (Sl 14.2-3). Ou, como diz o próprio Isaías, “Porque a vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel, e os homens de Judá são a planta preferida do Senhor. Este esperava retidão, mas eis aí opressão; esperava justiça, mas eis aí clamor por causa da injustiça. O que mais poderia Deus ter feito além do que ele fez por nós?”

Paulo nos lembra que esta realidade não é algo que ficou no passado, pois ele anuncia sob inspiração divina a pecaminosidade humana (Rm 3). Como pode ser assim Deus, que haja tamanha maldade em meu coração? Como este que foi criado à sua imagem e semelhança de Deus se apresentar com esta triste realidade?

Este trecho de Isaías é de fato um hino triste que precisa ser lembrado pelo povo de Deus. Quando fazemos nossa confissão de pecados não a fazemos para justificar nossos erros

ou como uma desculpa pelas nossas falhas. Nós confessamos nossos pecados com esta mensagem na mente. Deus esperava uvas boas e encontrou uvas más. Ele esperava encontrar retidão e justiça, mas encontrou opressão e injustiça.

Este, porém, não é o único hino da igreja. A Palavra de Deus nos revela quem é a verdadeira vinha (Jo 15). O evangelho nos fará ficar novamente espantados, pois após chegarmos à conclusão de que não havia qualquer esperança para nós, o próprio Deus se torna a nossa esperança. É por causa de Cristo que nossos clamores serão ouvidos (Sl 80). Assim como ficamos espantados com a realidade do nosso pecado, ficamos espantados/maravilhados com a tamanha graça a nós revelada a ponto de sermos restaurados à imagem da verdadeira vinha.

Filipenses 3.4b-14 – Se alguém deseja pregar sobre a carta aos Filipenses, parece bastante óbvio falar de alegria. Afinal, sempre que queremos falar da alegria em Deus, recorremos a Fp 4.4. Mas não precisamos esperar até o capítulo 4 de Filipenses para falarmos em alegria, pois ela já é mencionada no primeiro capítulo da carta (Fp 1.4).

Essa nossa empolgação poderia ser mais bem balanceada se levássemos em conta as palavras de Fp 2.28, quando ele fala de ter menos tristeza, ou se considerássemos com toda seriedade a real situação de Paulo, estando ele preso (Fp 1.13).

Mesmo quando Paulo fala em alegria, não devemos pensar nela em termos carnisais, isto é, da alegria como vislumbrada pela mente humana. O capítulo 3 de Filipenses começa falando novamente de alegria, “Quanto ao mais, meus irmãos, alegrem-se no Senhor” (Fp 3.1). Logo após isso, ele já parte para advertências: “Cuidado com os cães! Cuidado com os maus obreiros! Cuidado com a falsa circuncisão!” (Fp 3.2) Isto é, cuidado com a justiça segundo a carne.

A justiça de Cristo traz uma perspectiva totalmente nova. A justiça de Cristo muda a forma como Paulo enxerga o seu passado, o seu presente e o seu futuro. A vida de Paulo ganha uma nova perspectiva por causa da “justiça que procede de Deus, baseada na fé.” (Fp 3.9) Caso Paulo tivesse continuado a ser o “bom” judeu perseguidor que ele era, ele poderia ter seguido com o que o mundo considera bom. Mas como Paulo mesmo diz, “Mas o que para mim era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo.” (Fp 3.7)

Seria, do ponto de vista humano, natural que Paulo se envergonhasse do que acontecia com ele. Seu passado revelava um perseguidor da igreja. Seu presente revelava um prisioneiro. Seu futuro revelava alguém prestes a morrer. Mas, ao invés de envergonhar-se de tudo isso, por causa de Cristo, tudo é diferente.

Cristo tornou passado, presente e futuro algo novo. Por essa razão Paulo fala em Fp 3.10 de “conhecer Cristo e o poder da sua ressurreição”, algo que ele experimentou no passado, de “tomar parte nos seus sofrimentos”, algo que ele experimentava no presente e de “me tornar como ele na sua morte”, aquilo que o esperava no futuro.

Mateus 21.33-46 – A entrada de Jesus em Jerusalém é o pano de fundo histórico do texto. As multidões gritavam “Hosana!” (Mt 21.9) e o anunciavam como o “profeta Jesus” (Mt 21.11). Seu ofício profético é demonstrado imediatamente com a purificação do templo de Jerusalém (Mt 21.12-14) e o amaldiçoar da figueira sem frutos (Mt 21.19). Jesus prega arrependimento e faz os judeus questionarem a sua autoridade. “Com que autoridade você faz estas coisas? E quem lhe deu esta autoridade?” (Mt 21.23), perguntam os judeus. Jesus condiciona a sua resposta à resposta dos judeus sobre a autoridade de João Batista, “Se me responderem, também eu lhes direi com que autoridade faço estas coisas.” (Mt 21.24) Mas os judeus são incapazes de responderem.

Apesar de Jesus ter dito que não diria com que autoridade ele fazia estas coisas, ele passa a contar duas parábolas. A primeira é a parábola dos dois filhos (Mt 21.28-32). A segunda é o texto do Evangelho para hoje. Há ainda uma terceira, que deverá ser estudada em seu próprio tempo (Mt 22.1-14)

Alguns detalhes da parábola devem ser aqui observados. Primeiramente, é inegável a conexão deste texto com Isaías 5, o hino da vinha. Há uma vinha que fora plantada e lhe foram dados todos os cuidados necessários. Esta parábola, porém, acrescenta a imagem dos lavradores, a quem a vinha fora arrendada. Além disso, o ponto de tensão não está na vinha em si, e sim nos lavradores.

O texto começa falando de um homem que era dono de terras, que plantou uma vinha (Mt 21.33). Ao chegar o tempo da colheita, porém, o texto o apresenta como “o dono da vinha”. Esta mudança de referência é importante por pelo menos duas razões. Primeiro, há uma conexão com Is 5, quando há também uma mudança de referência de “meu amado” (Is

5.1) para “a vinha do SENHOR dos Exércitos” (Is 5.7). Segundo, a vinha é tratada de modo particular. O dono desta vinha é dono de várias terras, mas aqui ele é chamado de “o dono da vinha”.

Esta parábola também apresenta um caminho inesperado. A solução que vem à mente do dono da vinha diante da rebeldia dos lavradores não parece nem um pouco óbvia. Quem enviaria o seu próprio filho para lidar com pessoas de má índole? “O meu filho eles respeitarão.” (Mt 21.37) Nós que conhecemos o pecado humano bem sabemos quão ingênua esta frase se revela. No entanto, “a loucura de Deus é mais sábia do que a sabedoria humana, e a fraqueza de Deus é mais forte do que a força humana.” (1Co 1.25)

Para os seres humanos, parece óbvio que a maldade faz parte da vida. Mas parece que Deus continua a procurar se há alguém que faça o bem (Sl 14.2-3). E de fato há! Este é o Filho de Deus, Jesus Cristo, o qual morre pela vinha de Deus, pelo povo de Deus.

Jesus é a pedra rejeitada, mas que se tornou a pedra principal (Mt 22.42). Os judeus liam o Salmo 118 na Festa de Ramos, porém, não haviam percebido que no meio deles estava a pedra que eles rejeitavam (Sl 118.22). Sendo rejeitado, Jesus é aquele que restaura o povo.

Prof. Francis Hoffmann